

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA AFRICANA

Eugenio Nkogo Ondó

ONDÓ, Eugénio Nkogo. Introducción a la filosofía africana. *FAIA*, vol. 7, n. 28-29, p. 1-15, 2017. Tradução para uso didático por Pedro Vítor Martins de Sousa e David Campos Castro.

Boa tarde!

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao comitê organizador destas Jornadas, em especial ao Pedro, a Fermín, a Macu e ao restante dos membros da UMOYA, a esta faculdade de Direito, a Fundação Alberto Jiménez-Arellano Alonso, cujo Museu de Arte Africana que visitei esta manhã em companhia de um amigo íntimo e companheiro, o prof. Antolín Robles. E como não ampliar meus agradecimentos a todas as instituições que contribuíram a esta celebração.

Faz mais ou menos um ano em que Pedro se colocou em contato comigo e me fez oficialmente o convite para participar do evento, algo que aceitei sem demora, porque compreendi o interesse que tem a organização, que representa o compartilhamento e a realização do intercâmbio de impressões e conhecimentos. Dado que minha proposta aborda sobre a “Introdução à Filosofia africana”, a princípio, devo reconhecer que o termo “filosofia” (“amor à sabedoria”), é um termo moderno, novo, em relação com o tipo de sabedoria a qual se refere. A grande inconveniência consiste em que, no geral, se confundiam e ainda se confunde no Ocidente, esta sabedoria primigênia com a palavra “filosofia”, que foi implementada pela primeira vez no século V a.C. por Pitágoras de Samos. Daí surge minha polêmica com filósofo alemão Martín Heidegger, tal como exponho em minha obra, *La pensée radicale*.

Entende-se por filosofia, um saber universal e racional com o qual se pretende alcançar um conhecimento verdadeiro da totalidade do real na medida em que o filósofo propõe indagar suas origens e as causas matrizes e primordiais, então, esta forma de aproximação da realidade próxima ou distante, material ou espiritual,

concreta ou abstrata..., teve lugar pela primeira vez na África vários milênios antes de Cristo. Este tema recorrente tem sido um dos melhores capítulos da investigação científica em meados do passado século XX. Para introduzir nesse assunto, teria que observar que a filosofia africana não é como a greco-ocidental que tem quatro etapas, mas que se compõe de cinco períodos que são enumerados assim: pré-teocêntrico, o pré-teogônico, antigo, medieval, moderno e contemporâneo. O primeiro período, o pré-teocêntrico explica as origens dos pensamentos astronômico, geométrico e matemático, que foram cultivados em solo africano muitos milênios de anos antes que em outros continentes. O segundo período, o antigo, denominado teocêntrico ou teogônico, porque nele se explica a origem divina do universo, como demonstram os sistemas metafísicos bambara, dogon, fang, peul, yoruba, etc. O terceiro, o medieval, se resume em colaborações éticas, científicas e humanísticas que se realizam em Aksum, Etiópia, no império Mandingo, entre os Yoruba, Nigéria, entre outros. O quarto tem também sua origem na Etiópia e se estende à África ocidental e em outras regiões. E, por fim, o quinto período se inaugura com as reflexões dos intelectuais da diáspora e do mesmo solo africano desde o século XVIII até hoje.

Os dados da investigação sobre o período pré-teocêntrico se situam na África do Sul, a 200km ao leste da Cidade do Cabo, onde em algumas escavações, Christopher Henshildwood, especialista em Paleontologia humana, descobriu em 1990, uma série de artefatos excepcionais (*pedras, gravações, colares, etc.*) fabricados pelos Blombos que revelam a existência de um comportamento cognitivo desde 80.000 anos atrás, exercido pela *memória*, pela *linguagem*, pelo *raciocínio*, pela *inteligência*, pela *tecnicidade*, etc. Estas descobertas tiveram sucessivas repercussões em alguns meios especiais de comunicação, tais como: *The Journal of Human Evolution* de dezembro de 2001, a revista *Science* de 11 de janeiro de 2002, sem esquecer a publicação do periódico *Le Monde* de 16 de fevereiro de 2002.

Indubitavelmente, estes dados demonstram que o despertar intelectual da modernidade teve lugar na África uns 50.000 anos a.E.C., antes de sua instalação na Europa. Por isso, Denis Vialou, professor do Instituto de Paleontologia Humana de Paris, confirmou que “as indústrias microlíticas africanas são, com efeito, mais antigas

que suas homólogas europeias. Muitas da África do Sul remontam há 40.000 anos ou 50.000 anos antes da nossa era, quando, na Europa Ocidental as mais velhas não vão mais além de 10.000 anos.”¹

Quanto a essa arte criativa dos Blombos, o que mais chamou a atenção dos estudiosos foi que eles conseguiram talhar alguns fragmentos de ocre sobre os quais traçaram inteligentemente figuras geométricas em forma de triângulos perfeitos. Observando-os, Christopher Henshilwood pôde exclamar dos primeiros traçados geométricos da história humana, realizados sobre uma pedra, cujos lados foram cuidadosamente polidos com o objetivo de materializar certos conhecimentos. Com o qual, concluiu-se que estas gravações “repousavam sobre uma linguagem sintática completa”².

Por sua vez, o matemático togolês, Pascal Kassivi Adjamagbo, professor na l'École Centrale de Paris, que em sua rigorosa análise, sustenta que só há três tipos fundamentais de pavimentos, a saber: o *triangular*, o *quadrangular*, e o *hexagonal*. A partir desta investigação, convidou os especialistas mundiais a não perderem de vista o alcance científico da invenção dos Blombos, porque as figuras geométricas que nos aportam, foram profusamente ampliadas nas tecnologias de ponta. Os eixos incidem nessa ampliação magistral do pensador africano, porque, por exemplo, os mencionados traçados nos remetem ao sistema de *triangulação* recentemente posto em atividade pelos GPS. Aqui, descobrimos evidentemente que a utilização destas combinações triangulares em nossos espaçamentos, oferecem a possibilidade de nos guiarmos com a assistência de um satélite dotado de um programa localizador. Além disso, os especialistas na questão admitem unanimemente que a ciência da *triangulação* segue sendo utilizada no universo dos *elementos finitos*, e citam os exemplos das indústrias aeronáutica e automobilística, como casos concretos, com os cálculos de *estruturas na avaliação das resistências dos materiais*, etc., sem esquecer-se dos *modelos numéricos* na arquitetura e nas previsões meteorológicas.

¹ Le papyrus d'AHMÈS, *Revue d'Humanités Classiques Africaines*, année 2015, n° 1, p. 6.

² *Id.*, *Ibid.*

Por tudo isso, o professor K. Ajamagbo pontua que, entre os principais pavimentos descobertos, o que suscita mais interrogações intelectuais sobre o pavimento triangular, isto é, o modelo estabelecido pelos Blombos.³

Sem sair do solo sul-africano, entramos no pequeno enclave da Suazilândia. Nas montanhas de Lebombo, arqueólogos descobriram, nos anos 1970, o famoso osso de fíbula de um babuíno, no qual os habitantes da zona marcaram 29 incisões, cuja datação remonta a um período que oscila entre 37.000 e 35.000 anos antes de Cristo. Este é o testemunho mais antigo do cálculo matemático. Assim, as professoras Isabela Argesaru e Florentina-Claudia Dumitrescu sustentam que com estes descobrimentos é necessário retroceder às “origens das matemáticas, estas que estão estreitamente unidas aos conceitos de número, de tamanho e de forma”. Partindo desta observação, deduziram que as gravações de Lebombo são “os ensaios primigênicos de medir o tempo”, que apresentam uma grande semelhança com os projetos feitos por outras culturas africanas, tais como os chamados Bushmen da Namíbia, e os Ehang dos antigos Fang. Aditem, por fim, que de acordo com os relatos de Marco Polo (1254 – 1324), “a técnica de cálculo dos bastões foi utilizada mais tarde pelos chineses”⁴.

Nesta ordem de considerações, o professor Richard Mankiewicz, da Universidade de Middlesex, em Londres, em sua obra *A História dos Matemáticos*, ressalta a importância que esta ciência teve com esforços da humanidade e nos diferentes modos de vida, ao mesmo tempo em que matiza que, distante de ser um domínio exclusivo de uma elite de filósofos, de sacerdotes e de sábios, a disciplina em questão “tem influenciado de uma maneira ou de outra em cada setor da atividade humana”, colocando um ponto final em suas reflexões que elogiam este feito singular pelo qual “o mais antigo testemunho dos cálculos numéricos foram exumados na Suazilândia, na África Austral...”⁵.

³ *Id.*, *ibid.*

⁴ Isabela Argesaru et Florentina-Claudia Dumitrescu, “L’histoire des chiffres”, *Bulletin scientifique en langues étrangères appliquées* [En ligne], Le français sur objectifs spécifiques, Numéro 1. Bulletin scientifique en langues étrangères appliquées, mis au jour le: 11/07/2013. Citado por N. K. Omotunde, *Le papyrus d’Ahmès*, o. c. p. 7.

⁵ Richard Mankiewicz, *L’histoire des mathématiques*, Paris, Seuil, 2001, p. 30, citado por N. K. Omotunde, *Les Papyrus d’Ahmès*, Idem, *Ibidem*.

Definitivamente, este primeiro ensaio de medição do tempo empreendido por aqueles velhos antepassados de Lebombo é, sem dúvidas, uma das melhores representações do mês lunar, como se sabe têm 29 dias, um esforço que será retomado e ampliado mais ou menos pelos Ishango, como veremos em seguida.

Partindo da África do Sul até a África Central, chegamos ao povo Ishango, localizado a 15 km da linha do Equador, em uma das margens do lago Rutanzige, conhecido hoje com o nome de lago Eduardo, de onde sai o rio Semliki para desembocar no Lago Alberto, fonte do histórico e divino rio Nilo. Neste lugar que está situado exatamente na fronteira entre a atual República Democrática do Congo e Uganda, em algumas escavações realizadas pelos nativos e dirigidas pelo arqueólogo belga, Jean de Heinzelin de Braucort, descobriu-se em 1950 uma série de ossos de animais (que superam 25.000 mil anos a.C.) onde os velhos Ishango gravaram um conjunto de símbolos. Estes ossos foram analisados microscopicamente por Alexander Marshak e são conservados no Museu de História Natural de Bruxelas. Entre estes ossos se sobressaem duas fíbulas de babuíno: estes são os “bastões dos Ishango”, com cerca de 13 a 14 centímetros de comprimento, com uma largura visivelmente diferente, um pouco grossa e o outro quase que arqueado. Nas extremidades de menor largura, encaixaram os fragmentos de quartzo; tratavam-se, na minha modesta opinião, de instrumentos bem afiados destinados a praticar incisões entre outras atividades. Atendendo aos seus aspectos, observa-se que a parte arqueada leva ao lado direito quatro grupos de incisões: de cima para baixo, 11 incisões no primeiro grupo, 13 incisões no segundo, 17 no terceiro e 19 no quarto. Do lado esquerdo aparecem do mesmo modo outros quatro grupos de incisões: 11 no primeiro, 21 no segundo, 19 no terceiro e 9 no quarto. Por sua vez, o bastão retilíneo apresenta oito grupos de incisões e de baixo para cima, temos: 3 no primeiro, 6 no segundo, 4 no terceiro, 8 no quarto, 10 no quinto, 5 no sexto, outros 5 no sétimo e 7 no oitavo. A análise destas últimas incisões nos revela que os Ishango não apenas inventaram e utilizaram o que posteriormente e universalmente veio a ser chamado de sistema métrico decimal, mas também diferenciaram perfeitamente os números pares dos ímpares e conheceram todas as “operações de duplicação”. De acordo com este esforço intelectual, obtiveram os seguintes resultados: a) $11 + 13 + 17 + 19 = 60$; b) $11 +$

$21 + 19 + 9 = 60$ e c) $3 + 6 + 4 + 8 + 10 + 5 + 5 = 48$; no total o resultado final foi o número 168. Em relação com ela, às maiorias das interpretações coincidem em que as sequências dos símbolos utilizados pelos Ishango constituem o primeiro “calendário lunar correspondente a um período de pelo menos seis meses”⁶.

Na mesma linha de pensamento, o astrofísico camaronês, Jean Paul Mbeleck, em sua aproximação metodológica estritamente pedagógica e convencional, assegura que: “a leitura do osso direito dos Ishango é totalmente compreensível se considerarmos como um documento codificado (secreto)... que requer a aritmética elementar e se baseia nos números primos e nas duplicações”. Assim, ao apresentar estes artefatos aos seus alunos, convidou-os a desenvolver “as correspondências aritméticas (de tipo: $11 + 2 = 13$ e $17 + 2 = 19$, etc.) de cada coluna, explorando as bases 2 e 10, para fazer compreender que nenhum número foi fruto do acaso”⁷.

Por sua vez, o professor Dirk Huylebrouck, ao estudar esta maravilhosa invenção, afirma que: “o bastão dos Ishango foi convertido em um objeto que confirma que alguns africanos gostavam de se divertir com os cálculos”⁸.

Este é o extremo que chegou a capacidade dos Ishango. Estes são, com efeito, os dados obtidos pela observação e, obviamente, do cálculo destes movimentos que refletem os distintos ciclos ou posições do grande satélite da Terra em suas fases de *lua cheia, nova, crescente e minguante*. Dado que os reluzentes raios solares que os impediam da possibilidade de aplicar o mesmo método na duração desde a sua saída e de seu surgimento, o certo é que sua indagação nos coloca ante o que os filósofos gregos chamaram depois de tantos mil anos, teoria “geocêntrica”⁹.

É oportuno dizer, por fim, que o bastão dos Ishango, havendo sido reconhecido como um emblema do mundo científico belga e em sua memória foi

⁶ Claudia Zaslavsky, AFRICAN SCIENCE, *African Mathematics*, “The Yoruba Number System”, *Journal of the African Civilizations*, Vol. I, N^o. 2, November, 1979, p. 23.

⁷ Jean Paul Mbeleck, “Le deschiffrement de l’os d’Ishango”, revue *Ankh*, n^o 12/13, éd. Khepera, *Le papyrus d’AHMÈS*, o. c. p. 18-19.

⁸ Dirk Huylebrouck, revue *Pour la Science*, avril/juin 2005, n^o 47, p. 48, Idem, *Ibidem*.

⁹ Eugenio Nkogo Ondo, *Le génie des Ishango, synthèse systématique de la philosophie africaine*, Éditions du Sagittaire, Paris, 2010, p. 82-85.

erguido um monumento colossal de 7 metros na Praça da Moeda em Bruxelas, além de terem criado o Prêmio Científico Ishango para os alunos de Ciências.

Do mesmo modo, também é importante recordar que desde aquela imensa região onde os Ishango habitavam chamada hoje de Zona dos Grandes Lagos, saiu uma das primeiras ondas migratórias da humanidade. Nestas, os africanos seguiram as margens do Rio Nilo e, com distintos assentamentos, chegaram até o delta, que é o encontro com o Mar Mediterrâneo. Este território se chama Kemet ou Kemit, que quer dizer Terra Negra, por que...? As inundações periódicas do rio ofereceu uma boa conjuntura e, com isto, inventaram a geometria justamente quando se puseram a medir o solo com o objetivo de distanciar os terrenos de cultivo de onde as águas chegavam... Em Kemit criaram três grandes impérios: Império Antigo (-3500 – 2000), Império Médio (-2000 – 1580) e Império Novo (-1580 – 661)¹⁰. Nessa terra floresceram as grandes revoluções da humanidade: em filosofia, em arquitetura e em todas as demais disciplinas intelectuais. Os gregos, ao chegarem lá no século IX a.C., rapidamente se deram conta de que seus habitantes era *Aithiopes*, *Negros*, e, com evidência, a denominaram *Aithiopia*, *País de Negros*¹¹, que para eles foi a berço de todos os saberes, de onde surgiram seus filósofos, literatos, sábios e políticos para beber diretamente de sua inesgotável fonte de conhecimentos que transportaram à Antiga Grécia. Como os ensinamentos que recebiam partiram dos sacerdotes dos templos, sendo *Khi Khu Phtah* um deles, o templo de Phtah cujas paredes estavam cobertas de ilustrações e pinturas de ovelhas, entre outros animais, a transformação onomatopeica de seu nome deus egípcio *Aiguptos*, tal como conhecemos hoje. O fato de que o termo iorubá *aguton* signifique também ovelha, nos revela em primeiro lugar que “o nome do templo podia ser aplicado aos animais pintados em suas paredes” e em segundo lugar, que é uma boa prova que demonstraria que “a migração dos iorubá foi posterior ao contato do Egito com os gregos”¹².

¹⁰ Joseph Ki-Zerbo, *Histoire de l'Afrique noire*, Hatier, 1978, p. 65-66. Cheikh Anta Diop, *Antériorité des civilisations nègres, mythe ou vérité historique?*, Présence Africaine, 1967, 1993, p.148, 154 e 172.

¹¹ Alain Bourgeois, *La Grèce antioque devant la négritude*, Présence africaine, 1971, p. 20.

¹² Cheikh Anta Diop, *Nations nègres et culture II*, Présence africaine, 3a ed., 1979, p. 382.

Na antiga cosmogonia teogônica egípcia, seus pensadores admitiam que, em primeiro lugar, existia o *Noun*, realidade infinita, incriada, abismal, onde cabiam todos os seres possíveis, junto com o *Khepra*, o devir. Este último, ao ser intermediário das mudanças, impulsionou o pai *Noun* a passar ao ato todo aquele, até então, que conservava o estado de potência. O primeiro fruto desta atividade foi à aparição do deus *Rá*, o verdadeiro demiurgo do universo, quem, assumindo a missão criadora, soprou o *Schou* (o ar) e esculpiu *Tefnout* (a água). “*Schou* e *Tefnout* geraram *Geb* (a terra) e a *Nout* (o fogo, a luz, o céu). *Nout* e *Geb* criaram *Osiris*, *Hharkhentimiriti*, *Seth*, *Isis* e *Nephtys*. Estes multiplicaram toda a terra”¹³.

Analisando mais de perto esta ordem sucessória, diríamos que o deus *Rá*, junto com suas criaturas mais imediatas, o *Ar* e a *Água*, constituem a trindade superior da cosmogonia teogônica egípcia e que estes dois últimos, junto com seus filhos, *Geb* e *Nout*, são os quatro progenitores que ao unirem-se com os cinco seguintes, configuram a *enéade*, isto é, o fim da obra da criação dos nove deuses.

Pois bem, aos que tenham o propósito de esgotar seus esforços intelectuais na investigação da Filosofia grega, devem se dar conta de seus componentes: Terra, Ar, Água e fogo, são justamente os quatro deuses da antiga cosmogonia egípcia.

Todos os filósofos gregos que viajaram ao Egito, no retorno para Grécia reproduziram, de uma forma ou de outra, a doutrina cosmogônica do Egito da Negritude. Assim, para Tales de Mileto a *arché* é a água (*Tefnout*), para Anaximandro o *ápeiron*, o infinito que recorda a infinidade de seres futuros possíveis que existiam no seio de *Noun*, para Anaxímenes o ar (o *Schou*), para Heráclito de Éfeso, era o fogo (o *Nout*). Quando Pitágoras de Samos, afirmou que a substância de todas as coisas era o número e que o número por excelência era o 10, representado pelo *tetráctus* ou a *tétrade*, como um triângulo que tem 4 como lado, isto é sem dúvida, uma das melhores representações das pirâmides egípcias que repousavam sobre uma base quadrada. Na realidade, se desenharmos um quadrado e no meio dele traçarmos uma cruz para unir as arestas de seus ângulos, ao levantar o centro (da cruz) para cima,

¹³ Emile Amélineau, *Prolegomènes à l'étude de la religion égyptienne, essai sur la mythologie de l'Égypte*, Paris, Ernest Leroux, éditeur, 1908, p. 153-156.

teríamos uma pirâmide perfeita. Tendo conta que foi precisamente Pitágoras que permaneceu durante 22 anos no Egito, fica fácil de compreender que fez uma reprodução mais ou menos exata do que aprendeu.

O ser eterno e imutável de Parmênides tem as características da matéria incriada egípcia. Empédocles afirmará que o princípio não é uma substância única a não ser que se compõe de água, ar, terra e fogo, enquanto Anaxágoras substituirá a letra “n” de *Noun* egípcio pela letra “s” para obter o *nous* grego. Aristóteles, por sua vez, crê que o mundo sublunar se compõe de água, ar, terra e fogo, e o mundo celeste está povoado de substâncias imutáveis, incorruptíveis e não se deterioram, observando-se uma clara influência da separação entre *Noun* e os primeiros seres criados por seu filho, o deus Rá. Desta cosmogonia se deduz sua dupla concepção do mundo: o inteligível ou das ideias e o da realidade sensível. O mundo inteligível é eterno e imutável, reflexo da eternidade de *Noun* egípcio, contudo, o mundo da realidade sensível, este que abarca tudo que é mutável, representa tudo o que foi criado pelo deus Rá, o criador do mundo. Mas o criador platônico não é realmente um criador, não tem origem, sendo mais uma figura estranha no processo da criação do universo. Surge de repente, quando o deus eterno já havia completado sua obra da criação do mundo. Sendo melhor, criar o mundo em sua imagem e semelhança. Assim, vendo que tudo quanto é visível, se movia maneira caótica e desordenada, determinou-se em conduzir a desordem para a ordem. Esta foi a exigência lógica, suposto que esta era “melhor que aquela”. Imaginou, pois, que estava melhor sozinho e estava permitindo-se fazer o mais belo. Raciocinando desta maneira, chegou à conclusão de que, no mundo da realidade visível, os seres irracionais nunca poderiam ser mais bonitos que os racionais e que era impossível que a razão fosse gerada em algo sem alma. Por isso, procedendo a “montar o mundo, colocou a razão na alma e a alma no corpo, para que sua obra fosse a mais bela e melhor por natureza”. Ao ser moldado com sumo cuidado da mão eterna, o universo parecia um verdadeiro “ser vivente concedido de alma e razão pela providência de deus”¹⁴.

¹⁴ Platão. *Diálogos, Filebo, Timeo, Critias*, traducciones, introducciones y notas por M^a Ángeles Durán y Francisco Lisi, Editorial Gredos, S. A., Madrid, 1992, p. 173. *Timée, Critias*, Traduction inédite, introduction et notes par Luc Brisson, avec la collaboration de Michel Patillon, GF Flammarion, 1992, p. 123.

Pois, por ser visível e tangível, começou a construí-lo a partir do fogo e da terra que, ao unirem-se, necessitaram de um terceiro elemento e seu vínculo e união requeria uma perfeição matemática. E com este pensamento, colocou água e o ar no meio do fogo e da terra para que estivessem na mesma mútua relação proporcional, cuja harmonia foi possível graças ao amor e a amizade. Por fim, configurou o universo no mesmo formato de uma esfera e o imprimiu um movimento circular. Mas, deus não pensou em fazer a alma mais jovem que o corpo, tal como pensamos quando tentamos descrever, por isso, ao organizá-los, não havia permitido que o primeiro na criação fosse governado pelo segundo.

Este é o momento da aparição do demiurgo em sua primeira atividade, foi fazer a alma primeira em origem e em virtude, mais antiga que o corpo. Criou-a dona de si mesma, desta forma:

Em meio do ser invisível, eterno e imutável, e do divisível que devem aos corpos, mesclou uma terceira classe de ser, feita também dos outros dois. No que concerne a natureza entre o indivisível e o divisível nos corpos de uma e de outra. A continuação tomou os três elementos resultantes e os mesclou com todos em uma forma: para ajustar a natureza do outro, difícil de combinar, com a do mesmo, utilizou a violência e às reuniu no ser. Depois de unir os três componentes, dividiu o conjunto resultante em quantas partes foram conveniente, cada uma mesclada em si mesma com a outra e com o ser...¹⁵.

Em primeiro lugar, Platão realizou as três composições. A partir da primeira se consegue uma terceira classe de ser que é a mistura do eterno com o imutável, chama-se de indivisível, com o mutável, chama-se de divisível. Na segunda, se obtêm uma terceira natureza que é a junção ou a soma das duas naturezas anteriores. Na terceira “pegou os três elementos resultantes” e os reuniu “em uma forma”, para ajustar suas naturezas em uma mescla definitiva com o ser. E, a partir destas três composições, se realizou a última operação, esta que é: a divisão desta totalidade em quantas partes fosse possível.

Aqui há de se fazer três observações:

¹⁵ Idem, p. 174, 175,176, 177, 178-179. Idem, p. 120-124.

1) O projeto inicial do deus eterno, o de criar um mundo em “que todas as coisas fossem boas e não houvesse nada possivelmente mau”, que tinha de ser contínuo, sofre um corte intencional que dá lugar à figura do demiurgo, cuja origem e natureza resultam imprecisos.

2) Com sua ação, assistimos à segunda criação da alma. O deus eterno, ao colocar “a razão na alma e a alma no corpo”, já a havia criado com suficiente antecedência.

3) Essa segunda criação, a partir de uma mistura entre o indivisível e o “divisível que devém nos corpos”, complica o ato da primeira criação efetuada pelo deus eterno, na qual a alma aparecia em seu estado de pureza independente do corpo. Pelo contrário, desta vez sua essência envolve um componente corporal. As sucessivas combinações que resultam dessa mescla de diferentes elementos, desse esforço criador, carecem de uma denominação ontológica mais clara, pois são apenas números. No intuito de lançar luz sobre sua possível denominação, Luc Brisson designa de “ser intermediário” a essa primeira mescla; de “mesmo intermediário” à segunda; e “outro intermediário” à terceira¹⁶.

Ainda assim, parece que nos encontramos diante de seres amorfos. Qualquer leitor da obra platônica poderia pensar facilmente que, com essas operações, o filósofo nos introduz definitivamente na *dianóia*, cujos objetos eram precisamente os entes matemáticos, o nível de conhecimento anterior à *nóesis*. Todavia, ficaria desconcertado ao comprovar que aquilo que, em princípio, parecia criação se reduz a um arranjo matemático-geométrico que, ao operar com “elementos resultantes” difíceis “de combinar”, como o reconheceu o próprio Platão, torna também difícil, para não dizer impossível, a conceituação lógica ou metafísica que corresponderia à abstração dos seus entes. Essas foram as consequências negativas da problemática adaptação à filosofia grega da doutrina da cosmogonia egípcia, sem mencionar sequer sua fonte original. Por isso, Albert Rivaud nos adverte que o *Timeu*, por “não ser uma teologia completamente elaborada, pode ser interpretado, de acordo com a

¹⁶ *Timée, Critias*, o. c. p. 283, Anexo I, “les mélanges d’où résulte l’âme du monde”.

disposição do intérprete, como uma espécie de teoria da procissão ou como uma doutrina da criação, mesmo que confusa e mal desenvolvida. Aparecem no pensamento de Platão muitas inspirações diferentes, às quais ele não soube ou não quis referir-se¹⁷.

A confusão se manifesta com mais evidência ao analisar-se mais detidamente a divisão efetuada por Platão na última mescla dos três elementos anteriores. Vejamos:

Começou a dividir assim: primeiro, extraiu uma parte do todo; em seguida, retirou uma porção com o dobro desta; posteriormente, tirou uma terceira porção que era uma vez e meia a segunda e três vezes a primeira; e tirou também uma quarta, que era o dobro da segunda; uma quinta, que era o triplo da terceira; uma sexta, que era oito vezes a primeira; e, finalmente, uma sétima parte, que era vinte e sete vezes maior que a primeira¹⁸.

Em resumo, se comprova que daqui saem três progressões geométricas. A primeira, uma proporção de 2 (1, 2, 4, 8) e, a segunda, uma razão de 3 (1, 3, 9, 27). O demiurgo une ou soma as duas para lograr uma terceira progressão, que é a seguinte: 1, 2, 3, 4, 9, 8, 27. Como se observa, inverteu-se a ordem dos termos 8 e 9 sem se explicar o porquê. Em minha modesta interpretação, entendo que, se o 9 vem antes do 8, isso significa que há uma absoluta prioridade dos números ímpares em relação aos pares. Se se extrai os números pares dessa última progressão, ou seja, se retira-se os números 2, 4 e 8, teríamos: 1, 3, 9 e 27, o que seria igual à segunda progressão geométrica. Nenhum filósofo ou pesquisador da civilização ocidental conseguiu explicar essa mudança, nem mesmo o próprio Platão. Para sair desse labirinto, há de se recorrer à filosofia africana, mais especificamente à antiga concepção de mundo dos Woyo, um povo que habita ao sul da região de Katanga e ao norte da Zâmbia. Eles empregaram, tal qual Platão, as mesmas progressões geométricas em sua cosmogonia. Para eles, “o número 27 possui um papel especial, tendo em vista que corresponde, de alguma forma, à super trindade da enéade egípcia: $3 \times 9 = 27$ ”¹⁹.

¹⁷ Albert Rivaud, Platon, *Oeuvres*, tome 10, "Timée", "Critias", Les Belles Lettres, Paris, 1956, notice, p. 39. Citado por Cheikh Anta Diop, *Civilisation ou Barbarie*, o. c. p. 438.

¹⁸ Platão. *Diálogos*, VI, *Filebo*, *Timeo*, *Critias*, o. c. p. 179. *Timée*, *Critias* 34c- 36a, o. c. p. 124.

¹⁹ Ch. Anta Diop, *Civilisation ou barbarie*, Présence Africaine, o. c. p. 402.

Em suma, nesse sistema filosófico antigo, acreditava-se que, para alterar a ordem cósmica para uma ordem que permitisse a sucessão contínua entre a filiação matrilinear e a patrilinear, seria necessário conservar uma potência mística suficiente para tomar posse de nove divindades multiplicadas por três, donde se contariam 27 divindades. Assim, encontra-se “o simbolismo dos 27 anéis de cobre tanto entre os Woyo quanto entre os Kongo, e que também seria a base da cosmogonia dos iorubás. A *eneada* egípcia conservou-se também no Nyambeísmo, na República Democrática do Congo, na forma de nove princípios de energia cósmica”²⁰. Obviamente, os vocábulos Nyambe, Anyambe, Nzame Nzambi, etc., empregados em diferentes línguas vernáculas, designam uma mesma realidade: o Deus Eterno. A explicação ou exposição sistemática da sua intervenção no processo de criação do universo constitui o Nyambeísmo, corrente de pensamento que, como já citamos anteriormente, integra grande parte da Filosofia Africana do período antigo ou teocêntrico.

Uma retrospectiva do discurso platônico revela que esse filósofo fez um uso muito inconsistente dessa supertrindade, não levando em conta sua causa essencial original. As sucessivas composições feitas de diversos elementos para criar a alma do mundo mostram que ele inverteu o processo pelo qual o deus Râ fez sair de suas entranhas suas criaturas mais imediatas: Schou e Tefnout. A confusão da terceira progressão – não está claro se é de ordem aritmética ou geométrica – indica que opera em Platão a necessidade ou a força com a qual aquela Trindade estendeu sua obra de criação do universo até o infinito...

Se a filosofia ocidental se consolida com a teoria do ser de Parmênides de Eleia, influenciada pelo conceito de eternidade do *Noun* egípcio; se Aristóteles realiza definitivamente a sistematização dessa metafísica à sombra dessa influência; e se Platão – tentando fazer uma reprodução matemático-geométrica inexata, até confusa, das infinitas manifestações dos Devires do deus Râ, o verdadeiro demiurgo da cosmogonia egípcia – é considerado um filósofo insuperável, então há de se corrigir a interpretação tradicional e quase dogmática que prevalece em todo o mundo, em que

²⁰ Idem, Ibidem.

se adota a cidade de Mileto como o centro onde surgiu a filosofia e aceitar de uma vez por todas que ela nasceu no Egito.

Nisso concordam os grandes egiptólogos do século XX... Emile Amélineau (1850-1915), reconhecendo que “se algumas ideias de Platão foram obscuras, é porque deixaram de se referir à sua fonte egípcia, por exemplo, o caso das ideias sobre a criação do mundo pelo Demiurgo”, afirma que

os sistemas mais famosos da Grécia, fundamentalmente os de Platão e Aristóteles, tiveram origem no Egito. Observei que o bom gênio dos gregos soube preservar as ideias egípcias de forma incomparável, especialmente em Platão; mas pensei que o mérito que concedemos aos gregos não deveria ser um demérito para os egípcios. Hoje em dia, quando dois autores colaboram juntos, a glória de sua obra comum pertence a ambos indistintamente: não vejo razão para que a Grécia antiga leve o mérito das ideias que tomou do Egito²¹.

No campo da ciência ou da filosofia da ciência, os intelectuais mais honestos do mundo grego clássico censuravam seus compatriotas por terem plagiado seus mestres egípcios. Da mesma maneira que o egípcio plasmou seu conhecimento filosófico em múltiplos escritos ou testemunhos de sua cosmogonia teogônica, também expôs suas teorias científicas em outra série de papiros. O papiro egípcio tem sido, por assim dizer, um objeto de negócios e tem circulado entre pessoas muito diferentes em toda a Europa. Quem já leu a coleção dos “*Contos do antigo Egito, histórias de deuses, homens e sábios*”, feita pelo egiptólogo Gastón Maspero, pode facilmente perceber a enorme variedade desses papiros. É possível enumerar uma série de mais de 20 Papiros que, a princípio, caíram nas mãos de leigos e posteriormente foram resgatados, decifrados e interpretados por diversos egiptólogos...

Independentemente daqueles que Maspero tratou em seu livro, papiros de grande valor filosófico ou científico aparecem em outros contextos ou em diferentes estudos. Estes são ordenados da seguinte forma: *The Rhind Mathematical Papyrus* (o Papiro de Rhind), publicado por T. Eric Peet, na The University Press de Liverpool,

²¹ Emile Amélineau, *Prolegomenes à l'étude de la religion égyptienne* o. c. Introduction, p. 8 et 9. Ch. A. Diop, *Nations Nègre et cultures II*, Présence Africaine, p. 407-408. Eugenio Nkogo Ondó, *Síntesis sistemática de la filosofía africana*, Centro de Estudios Africanos, Universidad de Murcia, 2001, p. 44 e 47.

em 1923, e o *Mathematischer Papyrus des Staatlichen Museum der Schönen Künste em Moskau* (o Papiro de Moscou), publicado em *Quellen und Studien zur Geschichte der Mathematik*, em Berlim, 1930. Esses dois primeiros foram escritos mais ou menos por volta do 2.600 a. C. Depois deles, seguem o *Adwin Smith Medical Papyrus* (o Papiro médico de Adwin Smith), escrito por volta de 1.400 a.C. e o *Papiro demótico Carlsberg 1 a 9*, de 144 d.C.

O Papiro de Moscou é composto de 14 problemas. Entre eles, o filósofo da Filosofia da história africana, Cheikh Anta Diop, traduziu para nós o texto completo do problema nº 10. Ele tenta descobrir o cálculo exato da superfície de um semicírculo e, ao mesmo tempo, da circunferência. O valor de π descoberto até então era 3,16, próximo de 3,14. A partir de múltiplas operações conseguiram o cálculo de um cilindro inscrito em um círculo cuja altura era igual ao seu diâmetro. O Problema 14 lida com o cálculo do volume de uma pirâmide truncada e de um cone. Sabe-se que 2.000 anos depois, Arquimedes atribuiu esta invenção a Eudoxo, depois de ter atribuído o resto a si mesmo. Em seu tratado *Sobre o método*, comunicou a seu amigo Eratóstenes que “seu método mecânico (de pesos e figuras geométricas)” era a “única fonte de suas principais descobertas”. Nesse sentido, ele não menciona nenhuma fonte egípcia em suas obras *Sobre a circunferência e o cilindro* ou *Sobre a medida do círculo*, nem sequer compara seu valor de π 3,14 com o 3,16 dos egípcios. Em seu tratado *Sobre o equilíbrio dos planos ou seu centro de gravidade*, ele esquece completamente que “os egípcios sabiam mais sobre mecânica do que poderíamos imaginar” e que “os planos egípcios são tão exatos quanto os dos engenheiros modernos”²².

No seu epitáfio, descoberto por Cícero em Siracusa, exaltava que a sua descoberta mais importante era o cálculo da superfície de uma circunferência inscrita num cilindro com uma altura igual ao seu diâmetro, sem levar em consideração que os egípcios a tinham descoberto milhares de anos antes dele. Finalmente, enquanto Diodoro da Sicília acredita que Arquimedes inventou o torniquete durante a sua viagem ao Egito, Estrabão atribui a mesma invenção aos egípcios, sem sequer

²² V. v. Struve, *Mathematischer Papyrus des Staatlichen Museums der Schönen Künste in Moskau* (Quellen und Studien zur Geschichte der Mathematik; Abteilung A; Quelle, Band I) Berlin, 1930, p. 178-179, citado por Ch. A. Diop, *Civilisation ou barbarie*, o. c. p. 307.

mencionar Arquimedes. Pela sua má fé, Arquimedes foi acusado de desonestidade por ter guardado silêncio sobre estes “caminhos que ainda hoje seguimos, mas dos quais ele apagou cuidadosamente o rastro das suas pegadas”²³.

No Papiro de Rhind, o mais extenso, são colocados e resolvidos mais de 80 problemas através de complicadas operações matemático-geométricas. No problema n.º 53, mostra-se que o teorema atribuído a Tales de Mileto, segundo o qual “fazendo coincidir a extremidade da sombra de um bastão posicionado verticalmente com a extremidade da sombra da grande pirâmide, podia-se construir uma figura de diferentes progressões geométricas”, foi descoberto 1300 anos antes do seu nascimento. O n.º 48 explica a descoberta do teorema falsamente atribuído a Pitágoras de Samos, no qual se demonstra que, num triângulo retângulo, a soma dos quadrados dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa. Sabe-se, como Plutarco reconheceu, que os egípcios representavam o mundo sob a forma de um triângulo mais perfeito, tal como Platão, na sua Política, parece tê-lo utilizado como símbolo da união matrimonial. Neste triângulo, o lado vertical é composto por 3 partes, a base por 4 e a hipotenusa por 5. O lado vertical simboliza o homem, a base a mulher e a hipotenusa o progenitor de ambos. É por isso que Heródoto, um dos grandes e muito honestos intelectuais gregos, “acusa Pitágoras de ser um simples plagiador dos egípcios”. A segunda parte do mesmo problema desenvolve o cálculo da quadratura do círculo. Nos problemas de n.º 24 a 38, são apresentadas as operações correspondentes às equações do primeiro e do segundo grau. Entre o 41 e o 43, desenvolvem-se as fórmulas para encontrar os volumes do cilindro, do paralelepípedo e da circunferência e, do mesmo modo, nos de 49 a 52 estende-se o cálculo para as superfícies do retângulo, do triângulo e do trapézio. Os números 57 a 60 tratam do cálculo da inclinação de uma pirâmide a partir das linhas trigonométricas habituais: seno, cosseno, tangente ou cotangente. As que se situam entre os números 64 e 79 tratam da álgebra, de todas as “séries matemáticas”, da análise dos *gnomons*, do

²³ Paul Ver Eeke, *Les Oeuvres complètes d'Archimède*, Albert Blanchard, Paris 1960, p. XLIX, citado por Ch. A. Diop, Idem. p. 298, 301 y 310.

tetractús ou *tétrada* pitagórica, bem como da utilização dos sinais hieroglíficos egípcios, etc.²⁴

O Papiro Médico de Edwin Smith levanta a questão da investigação sobre as funções do cérebro. Esta descoberta data de 1400 anos antes de Demócrito de Abdera, a quem foi atribuída na Grécia. O mesmo documento apresenta cerca de 48 casos de cirurgia óssea e de patologia externa: por exemplo, “deslocação da mandíbula, das vértebras, das costas, perfuração do crânio, fratura do nariz, das clavículas, fratura do crânio sem rutura das meninges, etc.”²⁵. Esse foi o resultado da prática de cirurgiões egípcios que viveram 2.000 anos antes de Hipócrates. Na mesma linha, o *Papiro Demótico nº 4 de Carlsberg* descreve o diagnóstico e as fórmulas da terapêutica tradicional egípcia e a sua posterior adaptação por Hipócrates.

O *Papiro Demótico de Carlsberg 1 a 9*, no n.º 1, recorda as lendas que envolvem o significado das “décadas”. Na antiga astronomia egípcia, o ano estava originalmente dividido em 36 décadas ou períodos de 10 dias. Mais tarde inventaram o ano composto por 12 meses de 30 dias cada, o que no total dava um número de 360 dias, mais os cinco dias correspondentes aos seus deuses: Osíris, Ísis, Hórus, Seth e Néftis. De acordo com isto, o ano estava dividido em 3 sessões de quatro meses, tendo o mês 3 semanas de 10 dias e 24 horas. Perceberam que este ano carecia de um quarto de dia para corresponder a uma revolução sideral completa. Finalmente, a partir de 4236 a.E.C., inventaram o último calendário, chamado calendário astronômico “civil”, que incluía o atraso ou a mudança de tempo de um quarto de dia por ano para obter 365 dias. Finalmente, *Carlsberg nº 9* descreve os métodos de determinação das fases da lua. Aqui é demonstrada uma clara ligação com a tarefa empreendida pelos Ishango na zona dos Grandes Lagos. Essas investigações astronômicas serão herdadas pelos Dogon, na República do Mali.

²⁴ Plutarque, *Isis et Osiris*, CL VI. T. E. Peet, *The Rhind Mathematical Papyrus*, University Press of Liverpool, 1923, pl. Q. R. p. 78, 80-82, 93-94 y 121-122. Ferdinand Hofer, *Histoire des Mathématiques*, Lbr. Hachette, Paris (4e éd.) p. 99, 129-130; citados por Ch. Anta Diop, *Civilisation ou barbarie*, o. c. p. 303, 324, 329, 330-331, 335-338, 340-345.

²⁵ Gustave Lefebvre, *La Médecine égyptienne*, p. 39. Jean Vercoutter "Rubrique" in *La Science antique et médiévale*, P.U.F. Paris, 1957, p. 50. Citados por Ch. Anta Diop, Idem, p. 362.

Paralelamente a estas ciências, os egípcios inventaram a geometria e inauguraram uma arquitetura geométrica (a das pirâmides) que ainda não foi ultrapassada pelas técnicas mais avançadas dos últimos séculos. Inventaram a química e a metalurgia do ferro. Sabe-se que a palavra “química” provém da palavra egípcia “kemit” (“negro”), que conserva até hoje o mesmo significado em wolof, a língua atualmente falada por 80% dos habitantes da República do Senegal. Na Antiguidade, era utilizada para designar “o longo processo de fusão e destilação que é habitual nos laboratórios para extrair os produtos desejados”²⁶. De acordo com o exposto, a filosofia e a ciência do Egito da Negritude iluminaram a filosofia e a ciência gregas.

Longe da ideia de que Arquimedes e os gregos, em geral, que vieram três mil anos depois dos egípcios, não avançaram mais do que estes nos vários domínios do conhecimento, gostaríamos apenas de sublinhar que, como eruditos, deveriam ter indicado claramente o que herdaram dos seus mestres egípcios e o que efetivamente contribuíram. Com efeito, quase todos eles não cumpriram esta regra elementar de honestidade intelectual²⁷.

Eratóstenes, “nos seus escritos a Batón”, fornece-nos um novo caso semelhante ao de Arquimedes e revelador da atitude de muitos gregos: enquanto ele sustenta que Eudoxo, que juntamente com Platão permaneceu 13 anos no Egito, compôs os Diálogos Cínicos, outros afirmam “que os egípcios os tinham escrito na sua língua, e que ele não fez mais do que os traduzir para grego”²⁸. O fato de a maioria dos helenos não ter sido honesta consigo própria e com os seus mestres egípcios constitui a fase ou dimensão a que chamei esotérica ou oculta da filosofia grega e, evidentemente, de toda a filosofia ocidental.

Após vários séculos de convivência frutífera entre africanos e helênicos no Egito, o Novo e último Império começa a desmoronar. Apesar de ter sido reforçado por Piankhi, Shabaka e Shabataka, sofreu um declínio constante a partir do momento em que Taharka tomou o poder pela força... Se Tebas era a cidade inexpugnável em

²⁶ Ch. A. Diop, *Civilisation ou barbarie*, o. c. p. 353-354, 358, 360, 362-365 y 436.

²⁷ Cheikh Anta Diop, *Idem.*, p. 310.

²⁸ Diógenes Laercio, *Vidas, opiniones y sentencias de los filósofos más ilustres*, tomo 2, Libro VIII, Ediciones Teorema, 1985, p. 169.

que os faraós da época se apoiavam para reprimir as invasões estrangeiras que se sucediam no Delta, após a morte de Taharka em 664 a.C., três anos mais tarde, em 661, Assurbanipal intervém no Egito e saqueia a capital resistente. Com a conquista dos persas em 525 a.C. e a de Alexandre Magno em 333 a.C., os negros africanos empreenderam uma nova emigração que os levaria de volta às suas origens, para os territórios onde hoje se encontram, enquanto outros, em minoria, atravessaram o Mar Vermelho e se fixaram em várias regiões.

O retorno ao habitat antigo é uma continuação do mesmo modo-de-ser ou de estar-no-mundo, cujos focos culturais e pensamentos não só têm uma estreita afinidade entre si, mas também com os que se desenvolveram no Egito. Se há pouco falei da analogia entre a supertrindade da cosmogonia teogônica egípcia e a dos Woyo da República Democrática do Congo e da Zâmbia, é possível encontrar semelhanças em outras culturas africanas. Por exemplo, o sistema cósmico da minha própria cultura Fang, cujos grupos e subgrupos habitam o Quênia, os Camarões, a Guiné Equatorial, o Gabão, o Congo Brazzaville e até São Tomé e Príncipe, sustenta que, no início, havia apenas Eyóo, a realidade incriada, o nada, não no sentido absoluto, mas no sentido de que antes dele não havia nada. Do seu seio emergiu um redemoinho com quatro fases de duas cores: khong (ouro) e ngos (cobre), khon (ouro) e ngos (cobre), que, no seu rápido movimento giratório, se transformou num círculo de cobre, em Aki Ngos, o “ovo de cobre”, que cresceu enormemente como uma bola de borracha insuflada e, depois de atingir o grau máximo de incandescência, explodiu em infinitas partículas brilhantes que deram origem ao Mikut mi Aki, as Galáxias. Mikut mi Aki gerou Biyem-Yema Mikut, os Vazios Intergalácticos; Biyem-Yema Mikut gerou Dzop Biyem-Yema: os Abismos; Dzop Biyem-Yema gerou Bikoko Bi Dzop, as Constelações.

Termina assim a procissão dos elementos que saltaram da exploração dos Aki Ngos. Segue-se a procissão dos grandes espíritos. O primeiro deles é Ngwa Bikoko, que gerou Mba Ngwa, o segundo, Mba Ngwa gerou Zokomo Mba, o terceiro; Zokomo Mba gerou Nkwa Zokomo, o quarto; Nkwa Zokomo gerou Mebegue me Nkwa, o quinto. O prolífico Mebegue me Nkwa teve quatro filhos, a saber

- 1) Nzame Mebegue, o Deus do Céu, da Terra, dos Humanos e da respiração,
- 2) Kare Mebegue, o deus dos Imortais de Engong.
- 3) Ndong Mebegue, o progenitor dos mortais de Okuiñ e, finalmente,
- 4) Zong Mebegue, o flagelo do mal ou o repressor dos maus espíritos²⁹.

Estas nove divindades lembram-nos aquelas que, na cosmogonia egípcia, desfilam até Neftis e completam a *Eneada*. Assim, para os Fang, o número 9, *ebúu* ou *ebulu*, significa: infinito, múltiplo, absoluto, perfeito ou a própria Perfeição, etc. E o que dizer do número 3, *lóa*, a tríade? O seu significado é muito mais complexo do que o anterior: indica tanto a pluralidade dos mundos como as realidades concretas ou abstratas. Com ele, o Fang pode referir-se à concepção tríplice do espaço, cujos níveis seriam:

1 - O nível celeste, morada do pai eterno Nzame, dos espíritos dos primeiros seres e dos antepassados.

2 - O nível terrestre, habitat dos seres humanos, dos outros animais e, naturalmente, dos outros reinos.

3 - O nível inferior, o subterrâneo, morada dos mortos, dos fantasmas, onde reinam os poderes mais obscuros do mal.

O número 3 designa também os níveis da vida humana, a saber: material, racional e espiritual. Evoca também as fases da existência, que são: o nascimento, desenvolvimento e morte e, entre outras considerações, pode anunciar as fases da evolução mística: a purgativa, a iluminativa e a unitiva.

A partir desta perspectiva metodológica e comparativa, para além da linguística, muitas outras analogias foram estabelecidas entre a filosofia antiga do Egito e outras culturas africanas, como os Iorubás, os Wolof, os Peul, os Ndowé, os

²⁹ Tsira Ndong Ndoutoume, *Le Mvett, l'homme, la mort et l'immortalité*, L'Harmattan, 1993, p. 17-18.

Bambara, os Bantu, os Bubi, etc., que, como sublinhei no início, constituem o período antigo da filosofia africana.

Caros ouvintes, como o tema da Introdução à Filosofia Africana é demasiado longo, penso que seria necessário um curso de nove meses para esclarecer muitos dos seus aspectos essenciais. No entanto, vou aproveitar este curto espaço de tempo para fazer uma breve referência às fases medieval, moderna e contemporânea. Como já vos disse, depois do florescimento da atividade filosófica na milenar cidade de Aksum, na Etiópia, nos séculos IV e V E.C., e também na Nigéria e em Cartago, no Norte de África, outro dos principais centros da atividade filosófica medieval africana foi o Império Mandingo, atual República do Mali, onde se destacaram as investigações no domínio das ciências humanas, cujo modelo é o *Manden Kalikan* (le Serment du Mandé) ou a *Charte du Mandé*, datada de 1222, e das ciências náuticas, através das quais construíram navios que atravessaram o Oceano Atlântico em 1310 e 1311. A isso somam-se os progressos da Escola de Timbuktu, dirigida pelo grande filósofo Abderrhaman ben Abdallah es-Sâdi. A fase moderna foi inaugurada pelo aparecimento da ciência astronómica entre os Dogon, também no Mali, onde cada uma das tribos que compõem a sua cultura é um bom especialista num determinado domínio dos sistemas planetários, e pelo racionalismo promovido por Zär'a Ya'aqob na Etiópia. Nesta fase, podemos integrar os pensadores da diáspora, como Juan Latino (Espanha) e William Amo (Alemanha), este último regressado ao seu país de origem, a atual República do Gana, em 1747. O período contemporâneo começa com o discurso libertador do movimento do pan-africanismo, que remonta ao século XVIII, no qual podemos situar várias gerações, desde Henry Sylvester Williams e William E. B. Du Bois, George Padmore, Kwame Nkrumah, Jomo Kenyatta... passando por Patrice Lumumba, Sékou Touré... até chegar em Agostinho Neto, Thomas Sankara, Madiba (N. Mandela)... Nesta vasta corrente de pensadores, podemos incluir Cheikh Anta Diop, Mongo Beti... Todos eles foram adeptos da ideologia e da filosofia da luta pela libertação total de África. Juntamente do pan-africanismo, existe a corrente da negritude, em suas diferentes expressões.

Isso é tudo. Muito obrigado por sua atenção.

Valladolid, 22 de fevereiro de 2017, León, 17 de julho de 2017.